

# FATORES INTERNOS E EXTERNOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O fenômeno do subdesenvolvimento, que constitui uma das tomadas de consciência de nossa época, é muito mais complexo, mais polidimensional do que julgam os adeptos do economismo. Vale a pena insistir nesse aspecto da questão para salientar o papel relevante dos fatores morais e políticos nessa espécie de atrofia ou de paralisia de um grupo nacional, porque os seguidores do economismo, isto é, da doutrina que afirma a primazia do econômico, fazem um mal incalculável aos países pobres e atrasados quando conseguem inculcar a explicação do subdesenvolvimento, e até de toda a história, em termos de causas econômicas. O demônio do materialismo descobriu esse novo filão de águas, de misérias, de ressentimentos, para prosseguir sua tarefa de desumanização do mundo. E nós, entre as muitas frentes em que já se fere a batalha contra tudo que é divino e humano, temos de aceitar mais esta da filosofia do subdesenvolvimento.

Em abril deste ano fui convidado pelo comando da Escola Superior de Guerra para pronunciar uma conferência sobre "A atmosfera política dos países subdesenvolvidos", e tive a melancólica satisfação de mostrar ao brilhante auditório formado de generais, almirantes, juizes e outras personalidades de relevo, que "nos países subdesenvolvidos a atmosfera política é subdesenvolvida", e frisei que isto queria dizer, nem mais nem menos, que nos países subdesenvolvidos, em regra geral, os quadros institucionais são dirigidos por homens medíocres. Assim sendo, se queremos aquilatar a saúde social e o entrosamento histórico de um grupo nacional, não basta consultar os índices econômicos, que são sempre baixos nos países chamados subdesenvolvidos, mas que não especificam o fenômeno e não caracterizam o tipo de atrofia. Os índices culturais são muito mais importantes e muito mais expressivos. Em trabalho intitulado "Les Critères du Sous-Développement", publicado no volume Le "Tiers Monde", editado pela P. U. F. sob a direção de Georges Balandier, Claude Levy propõe onze testes principais para a verificação do subdesenvolvimento:

1. Forte mortalidade, sobretudo infantil.
2. Fecundidade fisiológica dos casais.
3. Higiene rudimentar.
4. Subalimentação.
5. Fraco consumo de energia.
6. Forte proporção de analfabetos.
7. Forte proporção de agricultores.
8. Condição inferior da mulher.
9. Trabalho das crianças.
10. Fraqueza das classes médias.
11. Escala das sociedades.

Essa enumeração me parece incompleta e mal hierarquizada por lhe faltarem os fatores políticos e culturais que são justamente os mais decisivos na formação do fenômeno. Em país subdesenvolvido os governantes, em regra geral, com algumas felizes exceções, não têm o senso do bem comum e não gostam de obra invisivelmente distribuída e possuída pela multidão. Preferem o monumentalismo faraônico. E o povo também não desgosta de tais extravagâncias que lhe dão o cheiro e a cintilação da riqueza, já que não pode alcançar a substância dela. Nessa mesma linha de cintilações e miragens desenvolve-se nos países subnutridos o fenômeno do militarismo, cujo poder, ineficaz para qualquer ação exterior, se transforma em licor venenoso de uso interno. Outro ponto muito importante é a pouca estima que tais povos têm pelo serviços públicos. Não sentem nenhuma ligação entre tal serviço e a dignidade humana, não têm às vezes imaginação para supor que poderia ser melhor o trem, o abastecimento de água ou o telefone, e quase sempre detestam os concessionários. Consciente ou inconscientemente, tais povos produzem a desordem dos serviços públicos e assim motivam a estagnação. O estatismo é um estado de espírito muito divulgado em país subdesenvolvido, e contém em si um paradoxo que seria divertido se nele não fossem trituradas vidas humanas, vidas de crianças principalmente. O estatismo sobrecarrega com uma infinidade de funções tutelares e salvadoras um organismo que já não pode com as próprias calças, e assim temos mais um círculo vicioso para a

nossa coleção. Outro traço característico dos países subdesenvolvidos é o cruel contraste entre a riqueza insolente e ostentatória de uns e a miséria elementar de outros. A flor dos pântanos do subdesenvolvimento é o play-boy, e convém notar que, segundo os entendidos na matéria, foram os países subdesenvolvidos que produziram os mais famosos play-boys dos últimos tempos. Tivemos o Ali-Khan, representante da fome do Oriente Médio e Próximo; tivemos o Rubirosa, representante dessa coisa indefinível que abunda nos países sul-americanos; e finalmente temos por cá, com o louro da frivolidade internacionalmente reconhecida, o brasileiro Baby Pignatari. Um exemplo frisante de tal contraste foi assinalado por José Artur Rios na cidade de Fortaleza onde não existe uma só maternidade, mas em compensação existem treze buates de luxo onde uns poucos se revezam no interessante passatempo de apostar milhões e de beber outros milhões. Na saída das buates, os frequentadores tropeçam na miséria cearense e brasileira. E agora apontemos o traço cultural mais vivo dos países subdesenvolvidos de hoje: o nacionalismo. Já escrevi muitos artigos sobre essa ingrata matéria, mas ainda não salientei convenientemente o ângulo que hoje nos interessa.

Estudando o fenômeno do subdesenvolvimento na linha da causalidade eficiente, isto é, procurando o que e que raz um país ser ou se manter subdesenvolvido, nós podemos dividir os fatores em duas classes. Há os internos e os externos. Não é impossível imaginar o caso de uma nação cuja infelicidade se explique cabalmente pela atuação dos inimigos externos. Um historiador, se aqui o tivéssemos à mão, nos daria facilmente uma dúzia de exemplos, e até poderia nos lembrar que são dessa espécie as lamentações de Jeremias. Ninguém entretanto, em seu juízo, dirá que esse é o caso do Brasil e das repúblicas sul-americanas. Todos nós sabemos que está nas causas internas, predominantemente, a razão de nosso atraso; além disso, se possuímos medianos dotes intelectuais, saberemos que as causas externas, apesar de sua aparência de violência, são muito menos virulentas, muito menos destrutivas e corrosivas do que as internas. Não há exemplo mais brutal de efeito de pressões exteriores do que o estado lastimável em que ficou a Alemanha em 1945. Bombardeada em toda a sua extensão, com milhões de lares destruídos milhões de vidas perdidas na flor da juventude, explodidas aos milhares suas pontes, suas fábricas, suas escolas, suas usinas, transformada em paisagem lunar, como disse o deputado Hermann Goergen, a sua terra, espeznhada, invadida, humilhada, empobrecida, dominada, vencida — mesmo assim, por incrível que isto pareça, a Alemanha de 1945, na hipótese de ter purgado o nazismo, estava melhor do que o Brasil vencedor da mesma guerra. A prova disto está na espantosa facilidade, ou melhor, na rapidez espantosa com que a Alemanha superou a dificuldade e retomou seu lugar entre os países de elevada cultura e alto teor de desenvolvimento. Por onde se vê que dois ou três governos ruins fazem mais mal a um país do que a devastação de seu território pelas potências coligadas. O nacionalista pensa exatamente ao contrário disto. Para ele o fator externo é o mais importante, e além disso há uma diferença essencial entre as forças de fora e as de dentro do país. Nas coisas internas o nacionalista é geralmente um convicto seguidor do desenvolvimento materialista, pelo qual tudo o que é do homem se reduz à categoria econômica, e do qual resulta, como é fácil prever, uma insensibilidade moral para a apreciação da coisa pública e uma extraordinária permeabilidade a todas as formas de postura política. Se por exemplo um contrabandista monta uma indústria de estanho, o nacionalista fica entusiasmado com o metal e esquece o roubo. Para as coisas externas, ao contrário, o nacionalista em ardores de paladino e sensibilidade de moralista. E por aí pode-se entender, sem grande dificuldade, o mal imenso que essa mentalidade espalha nos países subdesenvolvidos: anestesiam a sensibilidade pública exatamente para os fatores mais atuantes e decisivos, e desviam a atenção para fatores insignificantes ou imaginários. Dou aqui dois

exemplos típicos de mentalidade nacionalista em nosso subdesenvolvido torrão natal. O primeiro é um trecho de discurso proferido pelo Ministro da Educação, sr. Clóvis Salgado, na Escola Técnica do Exército, por ocasião da abertura das aulas. Lá pelas tantas expressou-se assim o ilustre titular da pasta da Educação: "Ora, na fase histórica, que o país atravessa, qual o problema máximo que o povo brasileiro deverá enfrentar? Não há voz discordante: esse problema é o do desenvolvimento econômico". Felizmente há vozes discordantes, e aqui vai a nossa para dizer que o Ministro errou e que ainda mais grave e ridículo é seu erro por se tratar de um Ministro da Educação. Já não admira que vá tão mal esta roda da República. A tese sustentada pelo Ministro é pura e brutalmente materialista, e só não digo que seja marxista porque mais ninguém se lembra desse autor de cem anos atrás.

Para nós outros o problema máximo do povo brasileiro continua a ser aquele que Capistrano de Abreu formulou tão bem: "Ter vergonha na cara." Ao leitor estudioso e racionalista devo advertir que essa divisa parece pouco científica, pouco filosófica, pouco econômica ou sociológica; mas é fácil lembrar, a quem esteja esquecido, que só podemos pôr em funcionamento as máquinas e as demais alavancas de um país e de uma civilização, se preliminarmente tivermos amor pela coisa pública, pelo bom funcionamento dos serviços, pelos companheiros de barco, se em suma tivermos aquela virtude, aquela decência elementar que a fórmula de Capistrano tão bem traduz.

O outro exemplo é tirado da revista "Realidade Econômica" n.º 1, ano II, 1959. Na capa pretomarela dessa revista lêem-se os bons propósitos dos redatores: CONTRA o sobre e o subfaturamento, o contrabando, etc." mas na página 43, como não é de esperar, encontra-se uma bonita fotografia mostrando o sr. Galdeano Sanchez entre o Marechal Lott e outro marechal ou general, e no texto o elogio à "obra de visão" do mesmo sr. Galdeano. No editorial dessa revista, que é violentamente contra o contrabando e violentamente a favor do sr. Galdeano, encontramos esta primorosa passagem: "Nossa terra tem na trajetória do seu desenvolvimento, um obstáculo que só pode ser transposto com capacidade especializada e heroísmo". Suspendo aqui a citação para dar ao leitor tempo de adivinhar qual será o tal obstáculo que se opõe ao nosso brilhante desenvolvimento. Lá vai: "Temos diante de nós no campo internacional, como oponentes (o grifo é nosso) as grandes potências que levam as vantagens da tradição e da experiência. Tais vantagens não nos inferiorizam porque dispomos de uma natureza exuberante e de uma inteligência invulgar." No verso da capa desta invulgar revista há um vistoso anúncio. Anúncio caro. O leitor perspicaz, e sobretudo bem informado sobre o heroísmo e principalmente sobre a capacidade especializada dos nossos nacionalistas, já adivinhou que o anúncio é da ESSO. Aliás, essa empresa, lá no anúncio, também diz que trabalha e luta pelo progresso do Brasil. E' até de admirar que a mortalidade infantil seja tão grande, e não menor o analfabetismo!

Tudo isto, caro leitor, exemplifica bem a insidiosa atuação dos tais fatores internos. Como já vimos em artigos anteriores, tudo é paradoxo ou círculo vicioso no fenômeno do subdesenvolvimento. Não é pois de estranhar que um dos fatores que mais atuam na manutenção do baixo nível seja precisamente aquele agressivo fator que apregoa o monopólio dos ideais de desenvolvimento, e que nesse meio tempo vai recebendo dinheiro do Obstáculo.